

# Graça Pires

## Poemas Escolhidos (1990-2011)

De uma dúzia de livros publicados entre 1990 e 2011, Graça Pires editou *Poemas Escolhidos*, uma antologia organizada pela autora que nos diz em nota de abertura:

«Não foi fácil a escolha. Não pretendi questionar-me ou questionar alguém sobre a emoção e a sensibilidade que a poesia reclama. Escolhi aqueles poemas onde o meu olhar se deteve mais tempo ou se sobressaltou com as palavras escritas. Aqueles poemas onde o rosto da poesia se confunde com o rosto do poeta que procura um compromisso entre a linguagem estética e o sentimento, entre o sonho e a realidade. É uma poesia de cariz intimista onde falo de amor, de solidão, do mar, das coisas da vida: aquelas que me vão acontecendo a mim e aos outros. Procuo misturar o pessoal com o social na mesma vertigem do quotidiano, em que as palavras se tornam um espaço de afectos ou de mágoas, de esperança ou de angústias».

Graça Pires tem uma poética de invulgar sensibilidade, recusando sempre a facilidade. Em cada verso alcança a unidade perfeita entre o Ser total e o jogo magnífico das metáforas, da significação. Nesta relação com a imagética, a autora não recorre a figuras de estilo pomposas e vazias. Pelo contrário, há na sua lírica uma infinita preocupação com as palavras, depurando o poema até este ser uma luz natural, profunda, espelhando uma autenticidade que constrói a grande partilha de afetos e reflexões.

Estamos perante uma antologia que nos permite avaliar a evolução da poesia de Graça Pires, criadora de obras como *Poemas* (livro de estreia, vencedor do Prémio Revelação de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores, 1988), passando por mais trabalhos de referência, nomeadamente *Uma Certa Forma de Errância* (Prémio

Maria Amália Vaz de Carvalho, 2003), *O Silêncio: Lugar Habitado* (Prémio Nacional Poeta Ruy Belo, 2008) e *A Incidência da Luz*, 2011. Devemos igualmente destacar um outro livro seu, intitulado *Uma Vara de Medir o Sol* (editado no Brasil), do qual reproduzimos um poema a testemunhar a clareza de um discurso poético que navega uma linguagem sublime:

«Escavo no peito um declive de seara / para ceifar o pão e roçar o ventre / no aroma dos fenos, até que o fermento / levede o trigo por entre os dedos do estio. / As farpas de um arado podem sulcar-me a pele / porque é de terra o molde do meu corpo».

O "sentido das palavras" é visceral nos passos literários de Graça Pires e indissociável dos grandes temas do amor, do tempo, da memória, do meio ambiente, da natureza em todas as suas grandezas e fragilidades, das artes, da vida e morte, do Eu e o Outro num diálogo intenso que demanda a clareza mesmo quando (ou sobretudo) «Um duplo estremecimento lateja nos espelhos». Falamos de uma poesia de busca constante na qual se conciliam «íntimas paragens» e «a dupla teia dos lábios», onde o quotidiano e a idealização são um só lugar, o da coerência poética. Repare-se neste poema da antologia pessoal de Graça Pires:

«O ofício das mãos não se intimida / com a apressada cadência do tempo. / Não tem fim o silencioso enleio / que se esconde por entre a argila / nos dedos do oleiro; ou se enrola no linho/ dos lençóis tecido pelas mãos; ou se prolonga / no pão quando chega o mês do trigo. / Porque esse é o destino das mãos, / tão alheio à urgência de cada dia».

Graça Pires costuma dizer que chegou tarde a todas as coisas, inclusive à escrita. Discordamos. A sua antologia é prova bastante de que a consciência do poema é intemporal. Depois, naturalmente, há um itinerário: «(...) E sobre o chão da página me debruço e me procuro».

A vessa a parangonas e à ribalta, Graça Pires tem uma carreira literária sólida, marcada pela exigência de uma autora que conhece bem as «máscaras dos búzios», «a lâmina do silêncio», «a ácida solidão das letras», «a lança das memórias», «os desígnios da morte», e, também, «a respiração do mar», «o clamor das antigas oliveiras» e o «chamamento do corpo».

Uma obra que atingiu a maturidade plena.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*